



GT23: Urbanização, Turismo e Lazer

Roteiros de Memória Negra no Rio de Janeiro e em São Paulo

Fernanda Pereira Liguori
Instituto Federal de São Paulo - IFSP
fernandaliguori@ifsp.edu.br

RESUMO Este artigo realizou um breve ensaio sobre como os lugares de memória negra são incorporados nos roteiros turísticos no Rio de Janeiro e em São Paulo, a partir de 2021, pelas secretarias municipais de turismo nas gestões vigentes. Como metodologia, o artigo partiu de uma pesquisa bibliográfica, documental e na imprensa para identificar os atrativos e roteiros turísticos que estivessem relacionados aos lugares de memória negra em ambas as cidades. No Rio de Janeiro, foram escolhidos os bairros de Gamboa e Saúde. Em São Paulo, como recorte espacial foram escolhidos os bairros centrais da Sé, Liberdade, República e Bela Vista. Ambos os recortes consideraram a presença negra na história de ambas as cidades. Realizado entre abril e maio de 2024, o trabalho de campo concluiu que, enquanto o Rio de Janeiro possui oferta específica de roteiro, São Paulo não possui um roteiro especializado.

Palavras-chave: Roteiros Turísticos; Lugares de Memória; Memória Negra.

1. INTRODUÇÃO

Os roteiros turísticos possuem importante papel nas cidades pois ajudam a costurar a narrativa histórica, principalmente nos centros históricos onde se concentram a maior parte do seu patrimônio material e imaterial. Para tornar-se visitável, o patrimônio deve receber uma curadoria e uma infraestrutura de apoio ao visitante.

Os lugares de memória, no sentido de Pierre Nora (1993), são importantes para ajudar a reescrever a história ocultada, trazer à tona as rugosidades (SANTOS, 2006) dos espaços urbanos e ajudam a reafirmar as territorialidades (HAESBAERT, 2009). Os lugares de memória são os locais de acontecimentos de fatos históricos, monumentos, estátuas de

personalidades, museus, centros culturais, igrejas, cemitérios, prédios públicos, entre outros, que ajudam a contar a história do lugar. Parte-se do pressuposto que os roteiros turísticos a lugares de memória negra ajudam a sensibilizar e conscientizar os indivíduos participantes sobre a história e a cultura negra presentes nos destinos turísticos. O problema desta pesquisa é como o Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que tiveram grande presença negra no seu processo histórico, trabalham esta questão em suas atuais gestões?

Para tal, este trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica, documental e na imprensa para identificar os atrativos e roteiros turísticos que estivessem relacionados aos lugares de memória negra em ambas as cidades, usando como recorte os centros históricos do Rio de Janeiro e de São Paulo. No Rio de Janeiro, foi escolhido como recorte o território da Pequena África, localizados nos bairros de Gamboa e Saúde. Em São Paulo, como recorte espacial foram escolhidos os bairros centrais da Sé, Liberdade, República e Bela Vista. Ambos os recortes levaram em consideração a forte ocupação negra ao longo do processo de formação destas cidades.

Após o levantamento histórico dos atrativos e roteiros turísticos de memória negra no Rio de Janeiro e em São Paulo, procedeu-se a pesquisa aos sites das secretarias municipais de turismo de cada cidade para compreender quais eram os roteiros disponibilizados, quais as formas de oferta desses roteiros (guiados ou autoguiados), duração, forma de agendamento dos passeios, itinerário percorrido, lugares de memória negra presentes ao longo de cada percurso.

Posteriormente, foi realizado um trabalho de campo, nos meses de abril e maio de 2024, que consistiu na participação *in loco* dos roteiros turísticos ofertados, para compreender como a temática “memória negra” está inserida nos roteiros de ambas as cidades.

A participação presencial em roteiros oficiais propostos pelas secretarias municipais de turismo nas cidades pesquisadas que tinham ou tangenciavam a temática memória negra. No caso do Rio de Janeiro, foi realizado o roteiro autoguiado sugerido pelo material oficial intitulado “Circuito Pequena África” que se desenvolve no Porto Maravilha, por conta própria. No caso de São Paulo, foram realizados alguns roteiros guiados do Programa Vai de

Roteiro na área central para verificar como a história dos negros é contada. Dentre os roteiros realizados estão: Avenida Paulista, Baixo Augusta, Bom Retiro, Centro Novo, Triângulo Histórico, Liberdade, Mercado Municipal Paulistano que são os roteiros que passam pelos bairros que historicamente tiveram ocupação negra.

2. ROTEIROS TURÍSTICOS DE MEMÓRIA NEGRA

A produção do espaço de uma cidade é um processo constante de acumulação de várias camadas ao longo do seu processo de evolução. Existe uma série de fatores que determinam e orientam essa produção como fatores políticos, econômicos, socioculturais, físico-naturais, técnicos, entre outros que vão determinando suas formas e conteúdos ao longo de sua história. Mas durante as transformações urbanas permanecem as rugosidades, conforme afirma Milton Santos:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas de divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho.

Em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas. (SANTOS, 2006, p. 140)

As rugosidades permanecem mesmo que tenham sido completamente apagadas. O espaço guarda memória. O espaço guarda passado. O passado guarda história. Mesmo com as tentativas de apagamento e invisibilização da mão negra pelos projetos urbanos elitistas, é inegável sua contribuição na produção das cidades. A busca por resgatar as memórias, marcas, as histórias da presença negra, portanto, as rugosidades no sentido de Santos (2006), significa reivindicar o protagonismo dos negros na história do país. Assim como pontua Rodrigues:

Ao falarmos dessas marcas, memórias, histórias e da presença negra intrínseca à cidade, também estamos falando de representatividade por meio desses monumentos. A valorização história afro-brasileira aparece nesses protagonismos. Essas ausências representam o processo de invisibilidade e

apagamento da contribuição da população negra e suas narrativas. (RODRIGUES, 2021, p.77)

Os séculos XIX e XX foram marcados por uma perspectiva higienista e europeizante no planejamento e modernização das cidades. Assim, a história da comunidade negra foi negada por novas vertentes que tentaram ocultar a sua presença na produção do espaço, principalmente negar o passado escravagista do Brasil. Locais de tortura, morte e comércio de escravos foram ocultados pelas reestruturações urbanas que trouxeram novas narrativas para os lugares, como foi o caso do Cais do Valongo no Rio de Janeiro, de cais de desembarque de navios negreiros a praça pública. E mesmo espaços de territorialidade negra muitas vezes foram apagados com novas narrativas como é o caso do Bairro da Bela Vista (Bixiga) em São Paulo, de quilombo a bairro de imigração italiana. Ou mesmo o Bairro da Liberdade na capital paulista, de bairro de tortura e morte escravagista a bairro oriental, principalmente ligado à imigração japonesa.

Guimarães (2015) destacou que, no Brasil, os legados da diáspora africana sofreram violação de três formas: por sua ocultação visual e simbólica; por seu apagamento ou obliteração permanente e por sua apropriação indevida e recuperação cultural como pertencente ao patrimônio europeu.

Hoje, os roteiros turísticos assumem importante papel no resgate da memória passada dos espaços históricos, inclusive de memória negra, ajudando a recontar a história dos que protagonizaram momentos importantes na produção deste espaço e trazer à tona seu passado ocultado. A prática de roteiros turísticos traz uma perspectiva de resgate, preservação e valorização da identidade e história do Brasil. Ajudam a resgatar as rugosidades, as memórias, as reminiscências, as permanências, as territorialidades, os apagamentos.

O turismo tem o poder de promover a valorização da cultura, da memória e da identidade local, podendo induzir a revalorização e a ressignificação do patrimônio, por meio da sua formatação em atrativo turístico. Para tornarem-se visitáveis, o patrimônio deve receber uma curadoria e uma infraestrutura de apoio ao visitante. O patrimônio enquanto atrativo turístico induz a circulação de pessoas e capitais, estimulando a especulação

imobiliária do entorno. Nascem assim, os lugares de memória que servem para tornar visível e memorável aquilo que foi invisibilizado ou ocultado.

Os lugares de memória, no sentido de Pierre Nora (1993), são importantes para ajudar a reescrever a história ocultada, trazer à tona as rugosidades (SANTOS, 2006) dos espaços urbanos e reafirmar as territorialidades (HAESBAERT, 2009). São os locais de acontecimentos de fatos históricos, museus, centros culturais, monumentos, estátuas de personalidades, igrejas, cemitérios, prédios públicos, entre outros, que ajudam a contar a história do lugar.

Por sua vez, os roteiros de turismo aos lugares de memória negra ajudam a sensibilizar e conscientizar os indivíduos participantes e integrar os envolvidos em seu planejamento a participarem da gestão e implantação de iniciativas e ações que buscam resgatar a cultura e história negra dos destinos turísticos. Assim os roteiros turísticos assumem o papel didático de ajudar a recontar esta história, que por anos foi ocultada, aos moradores e aos visitantes.

Os roteiros turísticos possuem importante papel nas cidades, pois ajudam a costurar a narrativa histórica, principalmente nos centros históricos onde se concentram a maior parte do seu patrimônio material e imaterial.

Podemos afirmar que o roteiro turístico é a espinha dorsal de qualquer produto turístico, já que é através dele que são definidas as condições logísticas de uma viagem por parte das operadoras de turismo, responsáveis por organizar e formatar os atrativos em roteiros turísticos, de acordo com as necessidades da demanda.

Para uma destinação, o roteiro turístico é fundamental para o planejamento urbano, pois direciona os arranjos territoriais da oferta turística (atrativos, hotéis, restaurantes, transporte, entre outros) e rearranjos na infraestrutura urbana (embelezamento do patrimônio urbano, do paisagismo, dos equipamentos) para garantir a permanência da demanda turística.

Também podemos afirmar que os roteiros turísticos ajudam a propagar uma forte imagem de cidade, construída pelo *city marketing*, amparada em sua história, nos seus símbolos urbanos, na sua cultura e diversidade. Essa imagem serve tanto para criar uma sensação de pertencimento a uma determinada localidade, que é nutrida pelo orgulho cívico, pela memória, pelo patrimônio, pela tradição histórica e pela cultura passada e presente.

Os roteiros turísticos são assim carregados de narrativas e simbolismos no sentido de ajudar a produzir uma cidade que reforça sua história, sua cultura, sua diversidade, suas narrativas oficiais sobre o que deve ser valorizado, resgatado, reinventado, re-significado. Nunca estas narrativas e simbolismos serão estanques e cristalizados no tempo. Sempre serão e estarão em um processo permanente de mudança e transformação. Os roteiros turísticos carregam a complexidade do momento histórico vivido, em termos culturais, sociais, políticos, tecnológicos, entre outros.

O surgimento de roteiros que tratam da memória negra invisibilizada nas cidades reflete um momento da sociedade, fruto do movimento negro que reivindica seu protagonismo na construção da cultura e da história brasileira. Tais roteiros turísticos assumem um papel importantíssimo de mudar as narrativas e simbolismos predominantemente brancos e europeizantes. E são de suma importância para as cidades, para a construção do orgulho étnico e o sentimento de pertencimento. Assim os roteiros de memória negra refletem uma tendência atual da sociedade de trazer à tona o protagonismo negro, seus personagens, seus eventos históricos, seu passado ocultado na produção da cidade.

Os roteiros de turismo aos lugares de memória negra ajudam a sensibilizar e conscientizar os indivíduos participantes e integrar os envolvidos em seu planejamento a participarem da gestão e implantação de iniciativas e ações que buscam resgatar a cultura e história negra dos destinos turísticos.

Já os lugares de memória ajudam a resgatar a identidade coletiva do povo negro já que a política de branqueamento da raça, o racismo estrutural e as políticas de reestruturação urbana silenciaram a presença da cultura negra e o passado escravocrata. Os negros possuem grande contribuição na cultura brasileira e ajudaram a construir a memória do povo brasileiro. Essa participação também está presente na construção das cidades e do seu patrimônio edificado.

3. ROTEIROS DE MEMÓRIA NEGRA NO RIO DE JANEIRO E EM SÃO PAULO

3.1 A memória negra no Rio de Janeiro

De acordo com o levantamento feito, os principais atrativos ligados a memória negra no Centro do Rio de Janeiro, que se localizam principalmente os Bairros de Gamboa e Saúde, são: o Cais do Valongo, a Pedra do Sal e o Morro da Conceição, o Largo São Francisco da Prainha, o Cemitério dos Pretos Novos, o Museu da História e da Cultura Afro-brasileira – MUHCAB e a Casa da Tia Ciata. Todos estes lugares de memória negra compõem o chamado “Roteiro Pequena África”.

As obras de reestruturação urbana do Porto Maravilha (2009-2016), na antiga zona portuária do Rio de Janeiro, a partir de escavações, revelaram o território da Pequena África, lugar de memória e identidade do povo negro carioca. O Cais do Valongo, no Porto Maravilha, corresponde ao lugar onde milhares de negros foram trazidos a força do Continente Africano e comercializados como mercadoria para servir aos interesses do Brasil - Colônia. E, com o passar dos anos, a história da escravidão e a herança africana foram propositalmente ocultados pelos projetos de reestruturação urbana, principalmente pela construção do novo porto em princípios do século XX.

Historicamente, as atividades portuárias ocorreram na Baía de Guanabara, próximo ao centro da cidade na Praça XV, coração simbólico do Rio de Janeiro. No século XVII, um boom no setor de mineração, no interior do Brasil, exigiu um influxo de trabalhadores manuais e transformou o Rio em um grande porto escravagista. Os escravos foram originalmente ancorados na Praia do Peixe, perto da Praça XV. No entanto, já em 1718, foram feitos planos para transferir o porto para um local menos visível, mais abaixo na baía, para que a visão e o cheiro dessa carga humana não ofendessem a sensibilidade da elite. (...) Em 1774, a construção de uma nova doca de pedra permitiu finalmente a transferência das atividades portuárias para uma área conhecida como Valongo (o longo vale), isoladas por colinas e mangues, a uma distância segura do centro da cidade. A chegada da família real portuguesa, fugindo das guerras napoleônicas em 1808, permitiu a realocação do mercado de escravos para o Valongo.” (BROUDEHOUX, 2019, p. 191)

O Cais do Valongo foi construído em 1774 e logo se tornou o mais importante entreposto de venda de escravos das Américas. Neste local, os escravos eram engordados, vendidos e trocados. O Rio de Janeiro foi responsável por receber entre 500 mil e 1 milhão de negros escravizados entre os anos de 1811 e 1831. O cais foi redescoberto pela reestruturação urbana do Porto Maravilha (2009 – 2016), revitalizado e incorporado ao circuito turístico denominado Pequena África. (ABREU, 2013; BROUDEHOUX, 2019)

Com a abolição da escravatura em 1888, o mercado de escravos foi extinto. Os negros continuaram a viver em cortiços e em habitações informais nos arredores do Valongo e

tornaram-se trabalhadores nas indústrias, armazéns, estaleiros, usinas e no comércio do entorno. Durante as reformas urbanas do prefeito Pereira Passos (1904-1906), o Cais do Valongo foi aterrado e pavimentado, tornando-se praça pública. (ABREU, 2013; BROUDEHOUX, 2019)

A questão da memória negra hoje é tratada no Rio de Janeiro com grande destaque pelo órgão municipal de turismo, Riotur, que possui um roteiro autoguiado sobre a Pequena África. O material está formatado em guia e contém os principais pontos de interesse turísticos relacionados à memória negra e um mapa do circuito cultural e gastronômico. Através deste guia, visitante pode escolher os lugares a serem visitados e montar seu próprio itinerário e ordem de visitação.¹ (Figuras 1 e 2)

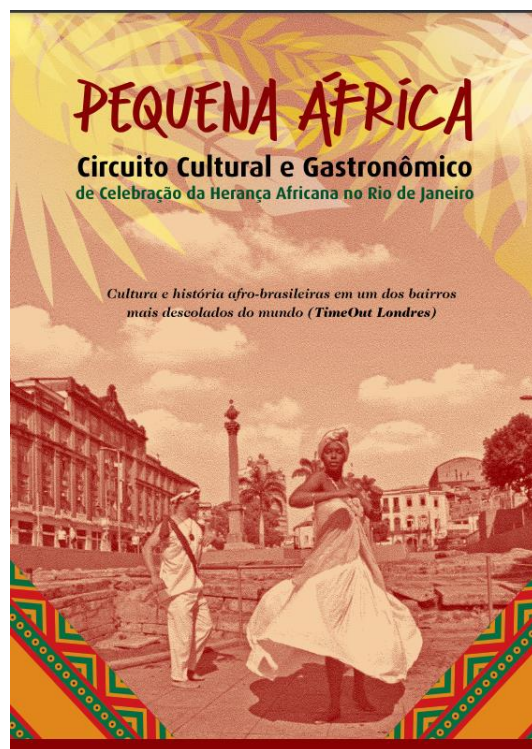


Figura 1 – Capa do guia sobre a Pequena África – Fonte (Riotur, s/d)

¹ A página do Riotur intitulada “Roteiro Pequena África” (https://riotur.rio/que_fazer/pequena-africa/) que trata do “Circuito Cultural e Gastronômico de Celebração da Herança Africana no Rio de Janeiro” traz os lugares de memória negra citados acima. A página ainda disponibiliza um guia para baixar com informações relevantes sobre o circuito autoguiado. Esse mesmo material é distribuído nos pontos de informação turística municipal.



Figura 2 – Mapa do guia sobre a Pequena África – Fonte (Riotur, s/d)

A Pedra do Sal é uma pedra com uma escada esculpida, que nos séculos XVIII e XIX era usada para desembarque de sal. Hoje é uma das entradas do Morro da Conceição. Com o fim da escravidão, seus arredores passaram a ser habitados pela população negra que trabalhava na região. O local é considerado um dos berços do samba e sede de um dos primeiros terreiros de candomblé do país. (ABREU, 2013). Hoje são famosas as rodas de samba que acontecem no lugar durante a semana, após o expediente de trabalho.

O Largo São Francisco da Prainha, que fica aos pés do Morro da Conceição, hoje abriga bares e restaurantes que funcionam no casarão colonial restaurado com animadas rodas de samba. Com as obras de construção do Porto, no início do século XX, a praia que ali existia foi aterrada e o local virou uma ampla praça pública. (ABREU, 2013).

O Cemitério dos Pretos Novos, na antiga Rua da Harmonia (atual Rua Pedro Ernesto) na Gamboa, foi um cemitério onde foram sepultados os africanos que não resistiram às

péssimas condições da travessia oceânica nos tempos do colonialismo. Em 1996, foi descoberto o sítio arqueológico, durante as obras de reforma da residência construída em cima do local. Foram encontradas no cemitério ossadas humanas e artefatos arqueológicos do século XIX. O sítio arqueológico passou a ser de responsabilidade do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos. E pode ser visitado. (PEREIRA, 2014).

Na mesma rua do cemitério, funciona a sede do Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira – MUHCAB, no prédio do antigo Colégio José Bonifácio. Com um acervo de 2,5 mil peças, o museu pertence à Secretaria Municipal de Cultura e é filiado à Unesco. (MUHCAB, s/d)

A Casa da Tia Ciata sedia a Organização dos Remanescentes da Tia Ciata, localizada na Rua Camerino. Ciata, apelido de Hilária Batista de Almeida, sambista e mãe-de-santo, foi figura proeminente na Pequena África no século XX. (CASA DA TIA CIATA, s/d)

O roteiro “Pequena África” foi experimentado durante o primeiro final de semana de maio de 2024. O Largo da Prainha e a Pedra do Sal foram visitados também no horário noturno. Verificou-se a presença maciça de público, com samba ao vivo.

Para aumentar a experiência, foi realizado o Circuito Herança Africana² oferecido de forma gratuita pelo Instituto dos Pretos Novos, todos os sábados, saindo do Largo da Prainha, passando pela Pedra do Sal, Mirante do Morro da Conceição, Jardim Suspenso do Valongo, Espaço Cultural Casa da Tia Ciata, Cais do Valongo (Patrimônio Histórico da Humanidade/Unesco) e Cemitério dos Pretos Novos/IPN.

A visita a Pequena África mostrou-se rica em histórica e detalhes da cultura negra que foi ocultada principalmente pelo urbanismo higienista dos séculos XIX e XX. Através desta experiência foi possível ter ao menos um pouco da dimensão e da importância da presença negra na construção do Rio de Janeiro.

3.2. A memória negra em São Paulo

²<https://www.sympla.com.br/evento/circuito-heranca-africana-ipn/2279840?referrer=linktr.ee>

De acordo com o levantamento feito, os bairros que mais se destacam como redutos de resgate de memória negra são: Sé, República, Liberdade e Bela Vista. (Figura 3) Os locais mais associados à memória negra, de acordo com os roteiros pesquisados, são: Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos (Praça Antônio Prado), Largo do Paissandu, Largo da Memória e Obelisco do Piques, o Bairro da Liberdade e parte da Sé (com a Praça da Sé, Largo 7 de setembro e Praça da Liberdade- Japão, antigo Largo da Forca com Capela e Cemitério de Nossa Senhora dos Aflitos e a Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados), além do Bairro da Bela Vista (Bixiga).



Figura 3 – No mapa o Distrito da Sé com os Bairros da Sé, República, Bela Vista e Liberdade.

A Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos e seu cemitério ficava onde hoje é a esquina da Rua 15 de novembro com a Praça Antônio Prado. Foi erguida no início do século XVIII em taipa de pilão ao estilo barroco. A igreja foi um templo, onde negros livres e escravizados professavam sua fé, uma mistura de fé católica e africana. A igreja foi demolida em 1903, devido às obras de reurbanização dos arredores promovidas pelo Prefeito Antônio Prado. Os arredores do Largo do Rosário, à época, tornaram-se importante centro econômico. No terreno da antiga igreja foi erguido o Palacete Martinico Prado, projeto de Ramos de Azevedo, e que hoje abriga a Bolsa de Valores do Brasil. A irmandade responsável pela Igreja recebeu um novo terreno da prefeitura, hoje Largo do Paissandu, onde erigiu novo templo denominado Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no ano de 1906. Hoje, na

Praça Antônio Prado, uma estátua em bronze dedicada a Zumbi dos Palmares, de autoria de Jofe Santos, relembra o local da antiga igreja. (OLIVEIRA, 2020; RODRIGUES, 2021)

O Obelisco dos Piques no Largo da Memória, fica ao lado da Estação Anhangabaú do Metrô. Foi erguido em 1814, onde havia uma bica que abastecia o bairro com água potável, além de ser espaço para lavar roupas e dar de beber aos animais. Este ponto da estrada marcava a entrada do núcleo urbano de São Paulo, a confluência dos caminhos por onde passavam os tropeiros com mercadorias e cargas. O local era usado também usado para o comércio de mercadoria, inclusive de escravos. A bica foi retirada em 1872. No Centenário da Independência do Brasil, em 1921, o largo foi revitalizado e ganhou um painel de azulejos de Victor Dubugras e José Rodrigues. (OLIVEIRA, 2020; RODRIGUES, 2021)

Outro importante território onde houve presença negra foi o distrito da Liberdade. Desde os anos 1970, o bairro é associado à cultura oriental, principalmente a japonesa, quando recebeu intervenções urbanas e paisagísticas, com instalação de monumentos, postes, jardins, dentre outros elementos de feição japonesa. A idéia principal foi conceber o bairro como turístico inspirado em China Town (Nova York) e desassociá-lo do passado escravagista, do lugar onde ficava o pelourinho e a forca. (OLIVEIRA, 2020; RODRIGUES, 2021)

O pelourinho na cidade de São Paulo foi itinerante, sendo a sua última localização em 1787, no atual Largo 7 de Setembro, em frente ao Fórum João Mendes. O local era estratégico pois ficava próximo à extinta Casa de Câmara e Cadeia e ao Largo da Forca, atual Praça da Liberdade-Japão. Os locais de tortura foram mantidos até meados do século XIX, onde os escravos eram punidos, torturados e mortos em praça pública. (OLIVEIRA, 2020).

A Capela e Cemitério de Nossa Senhora dos Aflitos e a Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados (1891) são importantes pontos de devoção e memória dos tempos de escravidão. A Capela dos Aflitos foi erguida no final do século XVIII e em seu cemitério foram enterrados os condenados à forca, os indigentes e os escravos que não eram da Irmandade do Rosário. O cemitério funcionou até meados do século XIX, quando os enterros foram proibidos em igrejas. (OLIVEIRA, 2020; RODRIGUES, 2021)

Em 2018, no terreno ao lado da Capela dos Aflitos foram encontradas nove ossadas humanas. O terreno foi desapropriado pela Prefeitura e no local será erigido um memorial.

A Igreja das Almas foi construída em 1891, em memória do soldado Francisco José das Chagas (Chaguinha). Chaguinha foi executado em 1821 a pauladas após três vezes a corda da forca se romper. O fato foi considerado sinal divino da inocência do réu. Postumamente, foi erguida uma cruz de madeira no local onde hoje existe a igreja. (OLIVEIRA, 2020; RODRIGUES, 2021)

Escavações para a construção de estação de metrô na Praça 14 Bis, Linha 14 - Laranja, revelaram a presença de um quilombo na Bela Vista, bairro popularmente conhecido como Bixiga e associado a imigração italiana. O Quilombo Saracura / Vai-Vai é uma das descobertas arqueológicas mais importantes sobre a presença negra em São Paulo. Dentre os artefatos achados estão contas de vidro, peças de vestuário, utensílios, cachimbos, entre outros.

O nome “Bela Vista” veio de um projeto imobiliário construído nos anos de 1880, onde foram construídos casas e cortiços. O bairro foi sendo ocupado por imigrantes italianos, principalmente da Calábria, e por classes menos abastadas. (ROCHA; CASTILHO; CASTILHO, 2020)

O levantamento sobre os roteiros turísticos de São Paulo apontou que não há um roteiro oficial específico ligado a memória e presença negra na cidade. Foram experimentados os roteiros que se referem aos bairros apontados como referência de presença negra, para verificar como a história dos negros é narrada para turistas e moradores.

Desde de 2022, a Secretaria Municipal de Turismo da Prefeitura de São Paulo disponibiliza o Programa Vai de Roteiro com 15 passeios guiados gratuitos pela cidade. São eles: Avenida Paulista, Bairro do Ipiranga, Bairro da Liberdade, Baixo Augusta, Bom Retiro, Centro Novo, Polo de Ecoturismo – Parelheiros, Freguesia do Ó, Mercado Municipal Paulistano, Museu da Imigração, Museu do Ipiranga, Neo Química Arena – Corinthians, Santo Amaro, Triângulo Histórico, Vila Madalena e Edifício Matarazzo. Mas nenhum deles trata da questão negra especificamente. (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE SÃO PAULO, 2024)

Foram escolhidos os seguintes roteiros do Programa Vai de Roteiro: Baixo Augusta, Bom Retiro, Centro Novo, Triângulo Histórico, Liberdade, Mercado Municipal Paulistano que são os roteiros que passam pelos bairros que historicamente tiveram ocupação negra. No

entanto, não foi encontrado nenhum roteiro oficial que se relacionasse com o Bairro do Bixiga. Os roteiros foram realizados nos meses de abril e maio de 2024.

Todos os roteiros tratam de modo geral da presença dos povos que formaram a cultura paulistana, como índios, negros, portugueses, europeus, asiáticos. Nenhum deles trata da memória negra em específico.

No roteiro Bairro da Liberdade são citados pontos relacionados à história negra como o Largo da Força (hoje Praça da Liberdade), Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados, Capela Nossa Senhora dos Aflitos, entre outros.

Já o roteiro Triângulo Histórico, é citada a presença da estátua do Zumbi dos Palmares na Praça Antônio Prado, apontando para o Largo do Paissandu.

No roteiro Mercado Municipal é citada a presença negra na formação da gastronomia brasileira.

No roteiro Centro Novo é citada a contribuição da cultura negra na República e arredores.

No roteiro Baixo Augusta é citada a presença de artistas negros nos grafites ao longo do caminho e nos centros culturais apresentados (como a Casa Amarela Quilombo Afroguarany, na Rua da Consolação).

Conforme foi apontado, a cidade de São Paulo não possui um roteiro oficial da Secretaria Municipal de Turismo que trata da memória negra especificamente. Os roteiros sobre a memória negra que existem são promovidos por entidades, empresas ou guias privados ou em eventos específicos, como Jornadas do Patrimônio 2023 que ofertou roteiros específicos a lugares de memória negra. Podemos citar os roteiros “Caminhada Heroínas Negras” e o roteiro “Desvendando a São Paulo Negra”.

A Secretaria de Turismo e Viagens do Governo do Estado de São Paulo - Setur - SP, lançou em abril de 2024, a publicação “Afroturismo” com 10 roteiros ligados ao turismo de memória negra na capital e em outras cidades do estado (Taubaté, Eldorado, Salto de Pirapora, Campinas, Santos e Ubatuba. Dentre os roteiros da capital estão: “Caminhada São Paulo Negra”, “Visão Periférica: Uma Experiência Cultural no Grajaú”, “Negros do Bixiga” e

“ Museu Afro Brasil Emanuel Araújo”. No entanto estes roteiros não entraram nesta pesquisa por serem ofertados em nível estadual. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2024)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve ensaio tentou compreender como os lugares de memória negra são tratados pelas secretarias municipais de turismo das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Para tal, foi visto que os roteiros a lugares de memória negra possuem um importante papel em ajudar a reescrever a história ocultada, trazer à tona as rugosidades dos espaços urbanos e reafirmar as territorialidades. Assim os roteiros turísticos assumem o papel didático de ajudar a recontar esta história, que por anos foi ocultada, aos moradores e aos visitantes.

Esta pesquisa apontou que o tema é tratado de modo diferenciando por cada municipalidade pesquisada. A Secretaria Municipal de Turismo do Rio de Janeiro possui um vasto material, tanto impresso como digital, sobre os lugares de memória negra e até mesmo um roteiro autoguiado intitulado Pequena África. Os locais visitados também tornaram a experiência rica e imersiva, possibilitando que a história fosse contada na versão dos povos escravizados.

A Secretaria Municipal de Turismo de São Paulo não possui nenhum roteiro específico e sim roteiros guiados que tangenciam a temática dentro do Programa Vai de Roteiro. São Paulo possui roteiros turísticos de memória negra apenas em datas e eventos esporádicos ou ofertados por guias e instituições.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, M.A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Instituto Pereira Passos, 2013

ANÉAS, A.C.V.; MUNIZ, C.; FUNARI, R.H. Los desafíos de la preservación a través de los meandros del Saracura en Bixiga, San Pablo. Revista História y Patrimonio. No. 2, Facultad de Arquitectura y Urbanismo – Universidad de Chile. no. 02 , junho. 2023. pp. 1-24

BROUDEHOUX. A. História negada e patrimônio dissonante: recuperando o passado escravo na turistificação do Porto Maravilha no Rio de Janeiro. in: BROUDEHOUX. A.; MENDES, M.F. 10 anos de Porto Maravilha: do projeto de renovação à construção de um novo espaço de exclusão. Rio de Janeiro. Letra Capital. 2019, p. 189-211.

CARVALHO, P.M.; BASTOS, R.L. Sítio Arqueológico do Quilombo Saracura: a insurgência do movimento negro pelo direito à memória na Cidade de São Paulo. Revista de Arqueologia. Volume 37No. 2Maio - Agosto 2024. p.p.81 a 101. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1159/948>

CASA DA TIA CIATA. Disponível em: <https://www.tiaciata.org.br/>. s/d.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. WTM: Governo de SP lança roteiros de afroturismo. 17/04/2024. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/wtm-setur-sp-lanca-roteiros-de-afroturismo/>

GUIMARÃES, R. Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2015

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. Território e territorialidades: teoria, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular. 2009, p. 95-120.

LIGUORI, F. P. Imagem, turismo e cultura na revalorização do Centro Histórico de São Paulo. Anais do I Seminário Nacional de Turismo e Cultura. Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. 2016, Disponível em:

http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/Seminarios/anais_I_Seminario_Nacional_Turismo_Cultura.pdf

MUHCAB. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/muhcab>. s/d

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, 1993, p 7-28.

OLIVEIRA, P.C.R. Tortura, Punição e Morte: os lugares de memória e consciência da escravidão na Cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo – SP, 2020.

PEREIRA, J.C.M.S. As duas evidências: as implicações acerca da redescoberta do cemitério dos Pretos Novos. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. No. 8, 2014, pp.331-343. Disponível em: e08_a20.pdf (rio.rj.gov.br).

RIOTUR. Roteiro Pequena África. s/d. Disponível em: https://riotur.rio/que_fazer/pequena-africa/.

ROCHA, D. F.; CASTILHO, Ed. P. ; CASTILHO, Er.P. O visível que oculta e o invisível que revela: tensões e disputas na construção da história de um território. Revista Memoricidade. Revista do Museu da Cidade de São Paulo, no.1, v.1, 2020, p. 78-85.

RODRIGUES, D.S. Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra. Dissertação de Mestrado em Ciências- Pós Graduação em Turismo. Escola de Artes, Ciências e Humanidade. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2021.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. São Paulo: Edusp, 2006

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE SÃO PAULO. Vai de Roteiro. 2024. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/turismo/menu/index.php?p=336459>